



FOLHA LITTERARIA, JOVIAL E CRITICA

EDICCTOR: AMERICO G. DE BARROS

O SOLDADO

Nobre e sem duvida alguma sublime é a missão do soldado quando elle a valerosa. Deixa o lar paterno, as commodidades, embora mediocres que lhe prodigalisa a familia, e vai para o bulicio do quartel, onde não encontra momentos affagos.

Ali as rigorosas disciplinas embruteçem-lhe o coração, mais o aspirantes á carreira briosa só sente o seu saltitar quando lembra-se que a sua dedicação é pela patria. E quando esta é ameaçada em sua integridade, vêmo-lo empunhar o sabre e a peito descoberto corre para o campo da peleja affim de defender o pavilhão patrio.

Ao partir o coração que pulsava pela patria também pulsa pela familia.

T'a esposa querida são os idolatrados filhinhos e mais que tudo a pobre mãe que em soluços pede ao ente querido para que fique; mas elle é soldado e com a voz embargada pelos soluços, responde: «Ha um poder superior que me ordena—é a patria; vou. Fica Deus, vai para o campo da lucta o soldado, fica para a familia o coração.»

Diante dos olhos tem elle a imagem da Republica; circundada por 21 estrellas, symbolos dos Estados do Cruzeiro. E lá se vai na demanda de um dever defender a patria.

Desoladora é a posição do homem ao abandonar aos azares da sorte a mão querida, a esposa adorada, o filho idolatrado!

Nobre é a missão do soldado

tudo deixa pela mão commum
— a Patria.

Quê o clangor das trombe-
tas e pressuradamente corre,
porque no horisonte brilha u-
ma estrella estampada no pa-
vilhão patrio que indica-lhe o
caminho da victoria.

Corre, vóe, e lá uma morti-
fera bala o estende no chão e
elle ainda diz: Patria!

Pobre soldado, com uma
tosa cruz, symbolo do marti-
rio do Divino Nazareno, mos-
tra tua triste morada! A
patria não sabe que fostes um
heroe, não conhece teus fei-
tos. Galardoados foram os
promettidos da hypocrisia, e
tu dormes o somno dos justos,
dos grandes, despidido das pom-
posas manifestações que a vai-
dade impõe.

COLUMNA DE PRAZER



Passou no dia
2.º do corrente o
feliz anniversa-
rio natalicio do
nossô sympa-
thico amigo Sr.
Agricola de Mo-
raes. Catelina, recebendo por
isso nesse dia muitas sauda-
ções dos seus numerosos ami-
gos, lhe venera a sua delicada
pessoa.

— Montem, vio dasabrochar
mais uma petala de aqúena
no percurso de sua juvenil ex-
istencia o menino Erminio,
filho da Sra. D. Anna Izabel de
Couto.

Aos sympathicos anniversa-
rantes a «Escola» apresenta
as suas effusivas felicitações.

BAPTISADO

Recebeu o sacramento do
Santo Baptismo no dia 5 do
corrente a innocente Irda, filha
do nossô amigo Senr. Alferes
Heron Keller, a quem apresen-
tamos os nossos louvores por
esse acto de religião.

LYCEU SALESIANO

A 3 do corrente reabriram-
se as aulas deste im-
portante estabelecimento de
ensino, que tem dado sobejas
provas da sua competencia
desde o seu inicio nesta capi-
tal.

HOMENAGEM AOS MORTOS

Foi numerosa a concorrência
de visitantes que no dia 2 do
corrente affluiram aos cemite-
rios do 1.º e 2.º districto.

Ambos os cemiterios acha-
vam-se carpinados e as suas
tumbas ornadas de flores e
profusamente illuminadas.



MIMOSA

Para Anterico G. de Barros.

Onde nasce a mimosinha
Entregue aos rigores d'abandono?
Fora nas escarpas da «peixinha»
Repudiada talvez do próprio dono!
Passara por acaso um pequinino—
Que ouviu da vivente — o vasilho:
Era uma criança, um menino—
Que se compadecera do gemido.

Mimosinha, — elle dissera! —
Vamos pra casa, já n'este momento;
E não lindo o sorrir da primavera;
Tristes são as aguras do relento!
Dar-te-hei a grida imensinha —
Que fará de ti a felicidade;
Pois também és criança,
Como alegre sorrir da mocidade.

Conheçada dos braços do pequeno,
Lá foi ter ao seu anjo tutelar;
Aqui está, disse o menino, — sceno:
Um presente que hade te agradecer.
Sorriu-se a menina, a pequetita;
Pela dadiça agradece a seu irmão;
E aperta contente a criança,
O ser canino bem junto ao coração.

A paz, adocera a criança do vizinho
Buscando da sciencia, — «o mel rosado»;
Então, por «Mimosa», entre carinho,
O pequeno enfermo, o velho medicado;
Fora num instante — docemente,
As parte afilativas — debelladas;
Sorvera da lingua brandamente,
As borburentas aphtas, — maceradas.

LEOCADIO DA ROCHA.



Ver, ouvir e contar

Ouvimos contar que o boi,
no cemiterio da piedade, que-
ria derrubar uma catacumba
a peso de chifradas, e que só
o alfaiate é que pode contel o;
... que o papagaio pissarrenee
está com a sua lingua seca de
tanto espraguejar!

... que o namoro da lebre
como o tuyuiu tem esfriado con-
sideravelmente, pelo que da-
mos os nossos parabens;

... que o Lásdão tem pade-
cido innocentemente com a lin-
gua do pessoal escovado;

... que o Jayme vai se for-
mar em sciencias jurídicas e
sociaes, odontologia, medici-
na, sciencias phisicas e natu-
raes, advocacia, anthropologia,
tudo isto para ver se consegue
esquecer da tal Nha-Rosa de
uma figa!

... que o becco pa polcia es-
tá intransitavel por causa de
um boi que ali se acha, impe-
dindo a passagem dos transe-
untes;

... que o Christino está com-
pondo um romance tragico, pa-
ra publicar n'este periodico.

Oh! ferro!... q' uede o aço?..

Porque sera?...

Que certa titia do Poconé ama um caixeiro da loja popular sem nunca ter sido amada?

Que certo rapaz ficou estupefacto e surumbático perto do Club Inter-racional, no momento em que o Santo do Monte estava expantaria de ver a sua enorme bocca ou da sua voz que mais parecia com a trovoadas?

Que a Dulcinéa do Brexó deixou na bagagem, para arother o alagoairo?

Que certo rapaz quando tal, la em negocio diz que a bnda d'elle é a mais surti a desta cidade, porque na delle tem por-la-biana, loças bastante, abobera banana e tudo mais quanto precisa?

Ocivema.



PASSA TEMPO

CHARADA NOVISSIMA

Ao Dantas

1-1-2 Sois vós senhor, o poeta da Escola?

João.

PERGUNTA ENIGMATICA

Ao Curicaca.

Qual é o animal que tambem é quadrupede?

Este animal não é ave nem quadrupede, mas é mamíferio e não anda pelo chão.

Zinga do pary.



CONTA DO PORTO

Viajam dois avarentos. O paiz que atravessavam não tinha muitas hospedarias. Um dia perceberam que não encontrariam sitio onde comessem e um delles perguntou ao outro:

— Você lembrou-se de trazer alguma coisa?

— Trouxe uma garrafa de vinho.

— Ainda bem.

— E você?

— Eu trago uma lingua secca.

— Foi boa ideia. Podemos dividir nossas provisões.

— Está dito. Comece.

O primeiro tirou a garrafa de vinho e o outro bebeu que se regalou e foi andando.

O primeiro bebeu tambem e enxugou a boca disse:

— Agora venha de lá o que você ali tem.

— Eu?

— Sim.

— C que é que eu tenho?

— Então voce não disse que tinha lingua secca?

— Ah! tinha sim até a pouco, mas agora já está molhada.

Entre bohemios.

— Estás mal com aquelle sujeito?

— Estou, sim.

— O que te fez elle?

— Fez-me, o favor da empresa de 100%, que ainda não lhe paguei.

Exit.